

PERCURSO DE UMA POÉTICA

Quando começou a imantar de essencial o contingente dos objetos, Elida Tessler ainda não possuía a percepção da escolha de território que iria costurar sua obra desde então. A coerência se apresenta com nitidez quando podemos olhá-la, como agora, projetada sobre um percurso.

O impulso decisivo, conta a artista, foi a atração pelo aspecto gráfico de algo de uso diário. “Examinando minha escova de cabelos, fiquei fascinada pelo movimento das cerdas... senti necessidade de entrar na escova, como um fio de cabelo.”

Era o momento de passagem da incipiente pintura sobre suportes tradicionais (representações narrativas intensamente coloridas de cenas ou objetos domésticos) para a descoberta das potencialidades no desenho. “Durante dois anos e meio fiquei desenhando a mesma escova, percorrendo aquelas cerdas, mergulhando nas infinitas linhas como se também fosse uma delas. Transferi esse objeto pequeno para um formato enorme, de 2,50m X 1,00 m, em papel colado sobre teia” .

Na disciplina do traço em preto e branco, a representação cedeu lugar ao matérico e à abstração. Surgiu uma gestualidade obsessiva, modulada pelos contrastes entre as superfícies opacas do pastei preto e as áreas brilhantes do grafite. Esse período significou um esforço de concisão para atingir a etapa seguinte, em que a representação seria substituída por operações mais sutis, ainda carregadas de vocação gráfica.

O trabalho começou a ganhar fisicalidade. A linha mudou de natureza. Deixou de ser desenhada para ser fio de metal (cobre ou ferro), colocado entre folhas de papel de seda impregnadas de líquidos ácidos. O azinhavre e a ferrugem “pintam” de verde e marrons avermelhados os trabalhos, de títulos por vezes enormes, extraídos de fragmentos de leituras. Como este, do livro *La Modification*, de Michel Butor: *La poussière cotonneuse et charbonneuse de la ville, avec, ici et là, quelques points de rouille comme du sang coagulé*.

Essa série de obras, transparências para serem vistas de frente e verso, apontava a etapa seguinte: a tridimensionalidade. A apropriação de objetos comuns passam a cumprir o duplo papel de metáfora e suporte de uma poética ligada à passagem do tempo. Captar, escorrer, corroer e guardar. Ações presentes em trabalhos como *Golpe de Asa* e *Golde*. É assim realiza o *work in progress* *Falas Inacabadas*, desde 1993 até sua versão mais recente, nesta mostra.

Metáfora bem ajustada ao processo criativo, que trata do caráter transformador das vivências, a escolha do coador de café estrutura diversos trabalhos seguintes, como *Saquinhos de Lágrimas nas Mãos de Sofia e Alice*, *Cirilo e Itzik: Paina Pai Paisagem*. *Itzik* resultou de uma experiência de interação com a paisagem natural. “Como quem caça borboletas, resolví recolher a água dos rios, a lama, enfim, tudo que iria tingir minha memória daquele ambiente”.

Alguns desses objetos derivam de um raciocínio pictórico que os situa no que denomino de pintura reencarnada. Elida “pintou” *Avessos* coando líquidos enferrujados em filtros de papel. O resultado são manchas de bordas nítidas, cartografias imaginárias de cinco continentes. Trabalho que alude, ao mesmo tempo, a conteúdo e continente, sujeito modificador e em modificação. Impregnação cultural vivenciada pelos que migram (e tingem) outras geografias.

É cada vez mais improvável que um artista consiga construir poética própria sem pagar tributo aos que o antecederam. Se, para melhor entendermos escolhas e resultados, quisermos apontar na história da arte alguns ancestrais distantes e parentes próximos da obra desenvolvida por Elida, há pelo menos quatro nomes: Joseph Beuys, Hélio Oiticica, Eva Hesse e Karin Lambrecht. Vasos comunicantes. Filiações de alma.

Os trabalhos atuais de Elida, com consistência e individuação crescentes, reúnem apropriação duchampiana (sem serem mordazes) e operações conceituais (sem ascetismo) Tingidas de humanismo e compaixão, mergulhadas na filosofia, na literatura e na psicanálise, são poemas visuais. É dessa nova família trabalhos como *Doador*, *Manicure* e *Claviculario*.

Manicure ecoa indagação sobre o lugar da pintura na arte contemporânea. *Manicure* é pintura sem os cânones habituais a essa técnica. A tinta está encerrada em vidrinhos, junto com o pincel. A superfície sobre a qual eles repousam não é a tela, mas abre, como esta, área de convívio que prevê dois lados de uma ação (obra/espeeador) quem faz e quem recebe (vê) uma ação pictórica. Por muito tempo, a pintura e a arte em geral estiveram identificadas com a beleza, confinadas a ela. Elida faz alusão ao salão de beleza para anotar essa mudança e ampliação de rumos.

Em *Doador* , um repositório de objetos com o sufixo dor faz o mapeamento de um luto, de uma ausência, através do paradoxal acúmulo quase sufocante de coisas que perderam função na casa. O passo seguinte foi resumir o foco a um único objeto: a chave. Com esse pequeno módulo, realiza a instalação *Claviculario*.

O percurso da obra, embora se dirija para o objeto e a síntese “enxuta” de elementos, não abandona o retorno pontual a certo raciocínio gráfico, como as linhas nítidas e alongadas da sombra do varal de roupas de *Pantográficos*. A artista não abandona também a usa da umidade e das matérias oxidantes que promovem a corrosão e a mama do tempo nas coisas. Usa toalhas alvas, secas. E também as presume molhadas, postas a secar.

A água, metáfora pré socrática da vida, foi utilizada na cenografia performance que Elida criou para o espetáculo de dança *Vagarezas e Súbitos Chegares*, inspirado na obra de Adélia Prado Nele, a ancestral tarefa doméstica de lavar roupas ganha dimensões e ressonâncias de uma vida inteira, de uma existência a lavar nódoas. Algumas, intensas e teimosas, sabemos que jamais saem. A essas denominamos memória.